



Surfe de remar

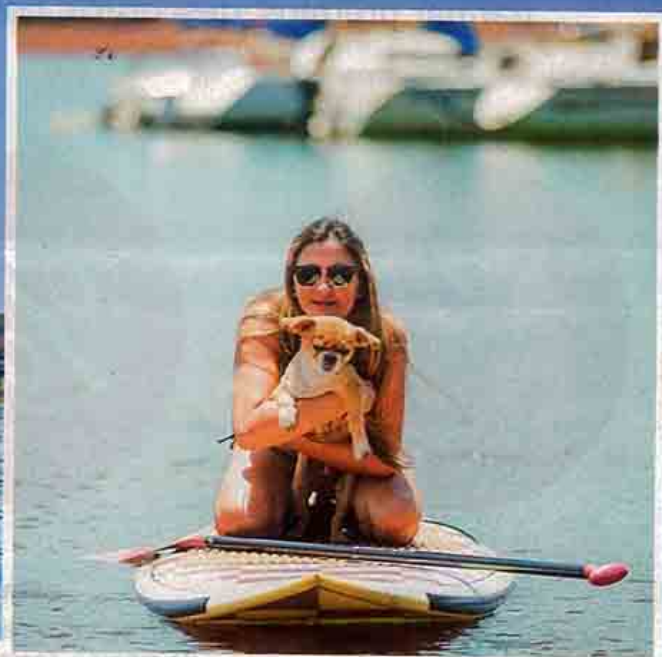
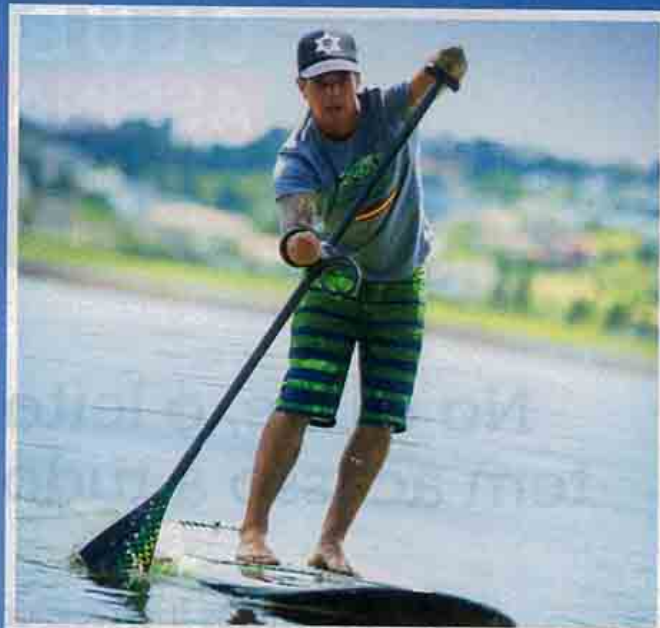
Onipresente nas praias do Rio de Janeiro, o stand-up paddle conquista adeptos na Lagoa dos Ingleses

João Renato Faria

Grças à óbvia — e sentida — falta de praia em Belo Horizonte, é fato raro que uma moda das areias do Rio de Janeiro conquiste seus adeptos por aqui. Pois o stand-up paddle, esporte que mistura surfe com remada e é febre no litoral fluminense, vem ganhando seu espaço em meio às montanhas. O objetivo é se equilibrar em cima de uma prancha e, com a ajuda de um remo, deslizar sobre a superfície da água, seja no mar, numa piscina ou num lago. O point escolhido pelos praticantes mineiros foi a Lagoa dos Ingleses, a cerca de 30 quilômetros de Beagá. Mesmo com um volu-

me baixo de água por causa da falta de chuvas, ela oferece boas condições a quem quer se arriscar. Ainda bem, já que o número de interessados em conhecer a modalidade não para de crescer. “No fim de semana, todos os nossos horários ficam lotados”, diz Thamires Holany, coordenadora da escola especializada SUP-BH. “No ano passado, quase 1 000 pessoas começaram a praticar o stand-up paddle com a gente”, diz. Ela garante que o esporte é rápido de aprender e amigável para quem está ensaiando suas primeiras remadas. “Como o mineiro não tem tradição em es-

O professor Daniel Paoliello (na foto maior), o atleta profissional Jonas Letieri e a consultora Kaline Prates com a cachorrinha Mel: diversão mesmo longe do mar



FOTOS CARLOS HAUZO/ODIN

portes aquáticos, alguns podem sentir mais dificuldade”, explica o professor Daniel Paoliello. “Mas, depois que cai na água, o iniciante perde o medo.”

Cada hora na lagoa custa 59 reais por pessoa e deve ser agendada com antecedência pelo site www.supbhz.com.br. Além do acompanhamento do professor, o valor inclui o aluguel da prancha, do remo e do colete salva-vidas. Começar em turma é o indicado para quem quer praticar o stand-up paddle sem que isso pese muito no bolso, já que uma prancha adequada não costuma sair por menos de 3 000 reais, enquanto um remo custa a

partir de 300 reais. Mas quem se apaixonou pelo esporte afirma que o investimento vale a pena. “Aqui eu recarrego as minhas baterias”, diz a consultora de investimentos Kaline Prates, que marca presença na Lagoa dos Ingleses todo fim de semana para sessões de pelo menos duas horas na água, acompanhada do marido, o administrador Rodrigo Quaresma, e da cadelinha pequinesa Mel. “Ela é a primeira a correr para a prancha e fica supertranquila durante as remadas”, conta. A beleza da paisagem atraiu até quem mora à beira-mar. Atleta profissional, Jonas Letieri veio de Cabo

Frio, no Rio de Janeiro, para conhecer o ponto dos mineiros. Não deu bola para o baixo nível de água e elogiou. “Está linda a lagoa, parece um espelho.” A performance de Letieri serve quase como uma prova de que o esporte não tem contraindicação. Ex-surfista, ele perdeu os braços em um acidente elétrico em 2011 e encontrou no stand-up paddle um motivo para voltar a sorrir. “Adaptei o remo e consigo andar numa boa”, diz o rapaz, que já conquistou lugares no pódio em competições pelo país. “É um encontro com a natureza que não pode ser descrito, apenas sentido.” ■